

Uso de drogas, comportamentos sexuais de risco e comportamentos antissociais na adolescência: Padrões de associação

Valentina Chitas¹, Jorge Negreiros² e Tania Barreira³

Drug use, sexual risk behaviors and anti-social behaviors in youth: Association patterns

Abstract

This article presents the results of a study about risk behaviors in adolescence (drug use, sexual risk behaviors and antisocial behaviors), conducted on a representative sample of 1048 adolescents. The results on the prevalence of the different analyzed behaviors broadly confirm the data described in both international (ESPAD, 2007, 2011; HBSC, 2006) and national studies (ECTAD, 2011). These results also highlight the influence of cultural and social-demographic factors in these behaviors. In addition, it was possible to verify an association between the different risk behaviors, which is consistent with the results from previous research in this domain (Brook, Whiteman, Balka, Win, & Gursen, 1998; Jessor, Van Den Bos, Vanderryn, Costa, & Turbin, 1995; Negreiros, 2008). This conclusion points to the hypothesis defended by different authors (e.g. Jessor, 1998) about the existence of a common syndrome and the need for development of an integrated approach to risk behaviors in adolescence.

Keywords: risk behaviors; adolescence; association patterns

1 Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona. Email: vcchitas@gmail.com

2 Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto. Email: jorgeneg@fpce.up.pt

3 Progress to Health New Zealand. Email: taibarreira@gmail.com

Resumo

Apresentam-se os resultados de um estudo sobre comportamentos de risco na adolescência (uso de drogas, comportamentos sexuais de risco e comportamentos antissociais), desenvolvido junto de uma amostra de 1048 jovens. Os dados obtidos relativos à prevalência dos diferentes comportamentos analisados confirmam genericamente os resultados descritos nos estudos sobre esta matéria, de âmbito internacional (ESPAD, 2007, 2011; HBSC, 2006) e nacional (ECTAD, 2011), chamando a atenção para a influência dos fatores sociodemográficos e culturais nestes comportamentos. Adicionalmente, verificou-se uma associação entre os diferentes comportamentos de risco, resultado consonante com os dados de diferentes investigações neste domínio (Brook, Whiteman, Balka, Win, & Gursen, 1998; Jessor, Van Den Bos, Vanderryn, Costa, & Turbin, 1995; Negreiros, 2008). Esta conclusão remete para a hipótese defendida por diferentes autores (e.g. Jessor, 1998) acerca da existência de uma síndrome comum e aponta para a necessidade do desenvolvimento de uma abordagem integrada dos comportamentos de risco na adolescência.

Palavras-chave: comportamentos de risco; adolescência; padrões de associação

O agravamento da problemática dos comportamentos de risco na adolescência (e.g. uso de drogas, comportamentos sexuais de risco, delinquência) deu origem, nas últimas décadas, a um vasto campo de estudos teóricos e empíricos nas áreas da psicologia, saúde, sociologia, entre outros domínios científicos, direcionados para a compreensão da etiologia, formas de manifestação e evolução destes comportamentos.

A maioria destes trabalhos no campo da psicologia encontra-se ancorada nos princípios subjacentes aos modelos teóricos de referência presentes nas teorias holísticas do desenvolvimento. Assim, mais do que grandes teorias, encontramos sobretudo aquilo que Merton (1957) designou de teorias de *middle range* (médio alcance), isto é, um conjunto de modelos conceptuais orientados para a explicação de um objeto específico, neste caso, os comportamentos de risco.

Entre estas teorias, destaca-se a “teoria do comportamento problema” de Jessor & Jessor (1977), a qual constitui um esforço de propor um modelo capaz de dar conta das influências psicológicas e sociais nos comportamentos de risco dos adolescentes. Fundamentada numa extensa linha de investigações longitudinais iniciadas nos anos 60 acerca da evolução dos comportamentos de risco, a teoria de Jessor, ao longo do tempo, sofreu algumas reconceptualizações, nomeadamente no que respeita ao conceito de “comportamento problema” mais próxima da noção de desvio na primeira formulação desta teoria (Jessor, 1977) e alargada à noção

de risco na década de 90. Em *New Perspectives on Adolescent Risk Behaviors*, Jessor (1998) refere que o trabalho inicial acerca dos comportamentos de risco encontrava-se confinado a um conjunto particular de comportamentos, frequentemente denominados comportamento problema, os quais envolviam a transgressão de normas socialmente sancionáveis. Incluíam-se, assim, neste conjunto de comportamentos, a delinquência, o consumo de drogas ilícitas, o consumo de álcool e a atividade sexual precoce.

A inclusão da atividade sexual precoce dos adolescentes como um comportamento problema mereceu algumas críticas por parte de teóricos e cientistas nesta matéria, que colocaram em causa a visão normativa associada à investigação na área da sexualidade dos adolescentes (Diamond & Savin-Williams, 2009), a qual remete para a legitimidade das instâncias de controlo social dos comportamentos na área da saúde. Esta questão poderia estender-se, de alguma forma, à visão presente no conceito de comportamento problema da teoria de Jessor (1977) que, como já foi referido, na sua primeira formulação se encontra mais próxima do conceito de desvio, ainda que o autor tenha referido que aquilo que é definido como um comportamento problema num dado momento poderá deixar de o ser num outro momento histórico. No entanto, e tal como também já salientado, esta conceção foi sendo reformulada e, em 1998, Jessor sublinha a importância de a investigação no domínio dos comportamentos de risco dirigir a sua atenção para uma maior diversidade de comportamentos que comprometem a saúde dos adolescentes, nomeadamente os comportamentos alimentares, o uso de tabaco e a condução perigosa, entre outros.

Um princípio fundamental presente na teoria de Jessor (1977) refere-se à necessidade de uma visão compreensiva do conceito de comportamento problema que remete para as funções sociopsicológicas comuns que poderão estar associadas a comportamentos como o consumo de drogas, a atividade sexual, os comportamentos antissociais. Esta ideia levou o autor a investigar sobre os padrões de associação entre estes comportamentos, tendo as conclusões apontado para uma covariação dos mesmos, a qual poderia ser explicada por uma “síndrome comum” de oposição aos comportamentos convencionais (Jessor & Jessor, 1977). A questão da existência de uma síndrome comum, concetualizada em termos de propensão para o desvio ou para o risco, tem sido, em parte, suportada pelos resultados de diferentes investigações (Brook et al., 1998; Brook, Whiteman, Balka, & Cohen, 1997; Farrell, Danish, & Howard, 1992; Jessor et al., 1995; McGee & Newcomb, 1992; Negreiros, 2008). Este dado, bem como o estudo dos fatores comuns e específicos relativos à etiologia dos comportamentos problema ou comportamentos de risco na adolescência, têm-se constituído como questões centrais no âmbito dos trabalhos teóricos e empíricos neste domínio.

Tendo em conta os pressupostos teóricos acima apresentados, o presente artigo pretende dar conta dos padrões de associação entre os comportamentos de risco

na adolescência, a partir dos resultados de um estudo realizado sobre esta matéria numa amostra representativa de 1048 jovens do concelho de Vila Franca de Xira, desenvolvido no quadro da tese de doutoramento intitulada *Uso de Drogas e outros Comportamentos de Risco na Adolescência: Factores de Risco e Factores de Protecção* (Chitas, 2010). Este estudo teve por objetivo, num primeiro momento, recolher um conjunto de indicadores epidemiológicos sobre os comportamentos de risco (uso de drogas, comportamentos antissociais e comportamentos sexuais de risco) dos jovens do concelho de Vila Franca de Xira, e num segundo momento analisar a estrutura de interdependência dos comportamentos de risco, identificar de forma sistemática os fatores de risco e proteção, ao nível individual, familiar, escolar e comunitário, associados a estes comportamentos, e, por último, analisar as modalidades de agenciamento entre estes fatores e os seus efeitos diferenciais, bem como os modos de interação e as trajetórias de mediação.

No presente artigo apenas serão apresentados e discutidos uma parte destes resultados. Mais especificamente, procurou-se ilustrar, de forma sumária, as tendências verificadas no que concerne aos comportamentos de risco da população jovem do concelho de Vila Franca de Xira, em função das características socio-demográficas (tipo de ensino, sexo, idade), bem como dar conta da estrutura de interdependência dos comportamentos de risco, nomeadamente o uso de tabaco, álcool e haxixe, comportamentos antissociais (indisciplina, violência/furtos, crimes contra a propriedade e outros crimes) e comportamentos sexuais de risco.

METODOLOGIA

Plano de amostragem

Tendo em conta as indicações metodológicas da literatura científica revista, em particular, a necessidade de contrastar populações de alto e baixo risco para uma compreensão cabal das modalidades de interação entre fatores de risco e de proteção (Sameroff, 1999), e procurando articular estratégias de amostragem probabilística com estratégias de amostragem intencional de instâncias heterogêneas (Shadish, Cook, & Campbell, 2002), o plano de amostragem inclui três populações distintas: 1) jovens das escolas do concelho de Vila Franca de Xira que frequentam o 9º ano do ensino básico e o ensino secundário diurno; 2) jovens que frequentam os cursos de educação formação nas mesmas escolas; e 3) jovens residentes em três bairros

sociais do concelho de Vila Franca de Xira. Os dois últimos grupos constituem populações mais vulneráveis à exibição de comportamentos de risco, uma vez que os cursos de educação formação se inserem no âmbito das medidas alternativas de educação/formação, destinadas a combater o insucesso e o abandono escolar, e os bairros sociais constituem, pelas suas características, contextos de vulnerabilidade.

Relativamente aos alunos que frequentam o ensino regular das escolas básicas e secundárias, por motivos de natureza teórica e técnica, optou-se pela amostragem probabilística de *clusters*. Tomando a turma como unidade de amostragem, fica constituída a grelha de amostragem pelas 209 turmas que, no ano letivo de 2006/07, frequentavam o 9º ano do ensino básico regular e o ensino secundário regular e profissional em 14 estabelecimentos de ensino do concelho de Vila Franca de Xira. No cálculo dos efetivos da amostra, foram respeitadas as exigências formais da teoria dos erros de amostragem, tendo-se fixado o nível de confiança em 95% e o intervalo de confiança em $\pm 3\%$. Tomando como referência os efetivos necessários, caso se tratasse de uma amostra aleatória simples (com correção para populações finitas, para uma população de 4105 alunos seria necessária uma amostra de 848 alunos) e sabendo que a média de alunos por turma é de 19.64, selecionaram-se aleatoriamente 44 das 209 turmas (*clusters*) existentes nas escolas. Excluindo os questionários incorretamente preenchidos ou com *não respostas* a questões cruciais, obtiveram-se 724 questionários válidos. Para um nível de 95%, o intervalo de confiança para a totalidade da amostra é de $\pm 3.16\%$. No que concerne aos alunos dos cursos de educação formação, procurou-se aplicar o questionário à totalidade dos alunos que frequentam este tipo de ensino nas escolas básicas e secundárias do concelho, tendo-se conseguido inquirir 19 de um total de 37 turmas existentes (para as restantes turmas não foi possível conciliar a aplicação do inquérito com as disponibilidades de horário). Excluindo os questionários incorretamente preenchidos ou com *não respostas* a questões cruciais, obtiveram-se 214 questionários válidos.

No caso da população dos bairros sociais, contataram-se sistematicamente todos os agregados familiares, tendo o questionário sido aplicado a todos os jovens disponíveis, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos de idade, num total de 104 questionários válidos. Foi assegurado que os jovens que responderam ao questionário não tinham preenchido o mesmo aquando da sua aplicação em meio escolar.

Amostra

A Amostra I é constituída por 724 alunos do 9º ano do ensino básico regular e do ensino secundário regular e profissional do concelho de Vila Franca de Xira, sendo a idade média de 16.04 anos (DP = 1.60) para a totalidade da amostra (N =

724) – 16.02 anos (DP = 1.54) para o sexo masculino (N = 305) e de 16.06 anos (DP = 1.64) para o sexo feminino (N = 419). Dos 724 alunos, 92.8% são caucasianos, 5.8% são africanos e 1.4% pertencem a outros grupos étnicos. Relativamente ao percurso escolar destes alunos, 287 (39.6% do total) já ficaram retidos, pelo menos uma vez.

A Amostra II é constituída por 214 alunos que frequentam os cursos de educação formação (CEF) das escolas básicas e secundárias do concelho de Vila Franca de Xira. A idade média é de 16.07 anos (DP = 1.22) para a totalidade da amostra (N = 214) – 16.02 anos (DP = 1.20) para o sexo masculino (N = 126) e de 16.13 anos (DP = 1.26) para o sexo feminino (N = 88). Dos 214 alunos, 76.6% são caucasianos, 22.4% são africanos e 1.0% pertencem a outros grupos étnicos. Relativamente ao seu percurso escolar, dos 214 alunos, 211 (98.6% do total) já ficaram retidos, pelo menos uma vez.

A Amostra III é constituída por 104 jovens residentes em três bairros sociais do concelho de Vila Franca de Xira. A idade média é de 16.55 anos (DP = 1.97) para a totalidade da amostra (N = 104) – 17.17 anos (DP = 1.92) para o sexo masculino (N = 35) e de 16.23 anos (DP = 1.93) para o sexo feminino (N = 69). Dos 104 alunos, 29.8% são caucasianos, 69.2% são africanos e 1.0% pertencem a outros grupos étnicos. Relativamente ao seu percurso escolar, dos 104 alunos, 74 (71.2% do total) já ficaram retidos, pelo menos uma vez.

Procedimentos e instrumento

No que concerne ao procedimento de administração do questionário nas escolas, estes foram preenchidos pelos alunos, nas salas de aula, nos tempos letivos normais, respeitando as condições de consentimento informado, anonimato e confidencialidade. Relativamente à aplicação do questionário nos três bairros sociais do concelho de Vila Franca de Xira, foram contactados, porta a porta, todos os agregados familiares, tendo sido inquiridos os jovens incluídos nestes agregados que se disponibilizaram para preencher o inquérito, e que não responderam ao mesmo nas escolas que frequentam.

Excluindo as questões de controlo do preenchimento, o conteúdo do questionário agrupa-se em 11 partes. A parte 1, 2 e 3 inclui questões relativas à caracterização social, escolar e profissional dos jovens e família. A parte 4 engloba questões sobre a escola e tempos livres. A parte 5 do questionário abrange um conjunto de itens sobre o consumo de drogas. Os itens da parte 6 têm por objetivo a recolha de informação sobre a experiência sexual dos jovens, mais especificamente sobre a idade da primeira relação sexual, número total de parceiros sexuais, métodos contraceptivos utilizados e ocorrência de gravidez. A parte 7 do questionário é constituída por 26 itens referentes a diferentes tipos de comportamentos antissociais, nomeadamente

faltas disciplinares, suspensões da escola, ofensas físicas e verbais a professores e funcionários, agressões físicas a outros jovens na escola ou na rua, fugas de casa, envolvimento em lutas de *gangs*, ofensas e agressões praticadas em grupo, uso de armas, danificação da propriedade alheia, furtos, roubos, tráfico de drogas. A parte 9 debruça-se sobre as atitudes e práticas parentais, e as partes 10 e 11 sobre os comportamentos dos pares e amigos e relações estabelecidas com os mesmos.

No presente artigo, como já foi referido, apenas serão apresentados os resultados relativos aos indicadores incluídos nas partes 5, 6 e 7, referentes aos comportamentos de risco.

Medidas e indicadores

Num primeiro momento, e uma vez que este estudo comporta a recolha de informação de carácter epidemiológico, foram utilizados, no que diz respeito ao consumo de drogas, os critérios clássicos considerados nos estudos epidemiológicos sobre esta matéria, nomeadamente a prevalência de consumo ao longo da vida (PLV), nos últimos 12 meses (P12M) e nos últimos 30 dias (P30D) e a frequência/quantidade dos consumos. Relativamente aos comportamentos sexuais e comportamentos antissociais, foram igualmente considerados indicadores de prevalência e frequência.

Num segundo momento, e tendo em vista o estabelecimento de relações entre estas variáveis critério, bem como entre as mesmas e as variáveis independentes, estas medidas foram trabalhadas dando origem à construção de indicadores que resultaram da recodificação/agregação das variáveis originais. Assim, no que respeita ao consumo de drogas, foram criados três indicadores (consumo de tabaco, consumo de álcool e consumo de haxixe) que derivaram de uma combinação dos resultados obtidos no que diz respeito à prevalência/frequência do consumo de tabaco ao longo da vida (PLV) e nos últimos 30 dias (P30D), e consumos de álcool e haxixe ao longo da vida (PLV), nos últimos 12 meses (P12M) e últimos 30 dias (P30D). Relativamente aos comportamentos sexuais, foi criado um indicador global de risco que resulta do somatório dos resultados obtidos em cinco indicadores parciais, designadamente, um indicador de risco de contração de infeções sexualmente transmissíveis (IST), um indicador de risco de gravidez, um indicador de risco relacionado com a precocidade do início da vida sexual, um indicador de risco relacionado com o número de parceiros e, por último, um indicador de gravidez efetiva.

No que respeita aos comportamentos antissociais, foi utilizada uma escala constituída por 26 itens referentes a diferentes tipos de comportamentos antissociais, os quais foram agrupados por diferentes autores (Costa, Jessor, & Donovan, 1989) em três dimensões: *delinquência violenta* – que comporta as lutas de *gangs*, agres-

sões físicas a outra pessoa ao ponto de a mesma necessitar de tratamento médico, uso de armas para ameaçar ou agredir alguém; *crimes contra a propriedade* – que incluem forçar a entrada numa propriedade alheia, incendiar carros, danificar imóveis, equipamentos e materiais, furtar artigos em lojas; e *indisciplina* – que engloba um conjunto de problemas na escola ou em casa, nomeadamente, faltar às aulas, suspensão ou expulsão da escola, fugas de casa, ficar uma noite fora de casa sem autorização da família.

No presente estudo procedeu-se à análise em componentes principais da estrutura fatorial desta escala, a qual indicou, de acordo com o *scree test Catell*, a retenção de três fatores. Extraíndo três fatores, a percentagem de variância total explicada é de 50.7% (36.2%, 9.1% e 5% para cada um dos três fatores extraídos).

Após rotação OBLIMIN, as contribuições proporcionais dos três fatores para a variância explicada são, respetivamente, de 30.0%, 23.1% e 16.2% para cada um dos fatores. No Quadro 1, apresentam-se as saturações fatoriais e as comunalidades dos 26 itens desta escala.

Quadro 1

Escala de Comportamentos Antissociais: Saturações Fatoriais e Comunalidades [h^2] para a Solução com Três Fatores (Rotação OBLIMIN) [N = 1042]

Itens da Escala de Comportamentos Antissociais	F1	F2	F3	h^2
Estar incluído num grupo que se junta para bater noutras pessoas.	.86	.35	.30	.56
Envolveres-te em lutas de <i>gang</i> .	.84	.41	.30	.42
Ferir alguém ao ponto dessa pessoa necessitar de cuidados médicos.	.81	.39	.33	.45
Andar à porrada na rua.	.77	.27	.53	.57
Roubar dinheiro ou objetos de outra pessoa (ex. telemóvel, relógio, carteira, roupa, etc.).	.70	.43	.18	.27
Vender artigos roubados.	.69	.45	.24	.43
Roubar um carro.	.66	.50	.41	.50
Usar facas ou navalhas para ameaçar ou magoar alguém.	.66	.36	.40	.18
Ter problemas com a Polícia por alguma coisa que tenhas feito.	.58	.14	.56	.35
Usar armas de fogo para ameaçar ou magoar alguém.	.58	.21	.33	.35
Forçar a entrada numa casa, estabelecimento ou outra propriedade.	.57	.33	.49	.71
Roubar artigos em lojas ou supermercados.	.41	.29	.18	.67
Participar num assalto a uma casa, loja, escola ou outro edifício.	.28	.87	.15	.74
Insultar um professor ou funcionário da escola.	.33	.78	.15	.66
Andar à porrada na escola.	.44	.71	.31	.52
Pegar fogo a uma casa ou outro espaço.	.49	.70	.30	.56
Ter falta disciplinar.	.57	.65	.08	.54
Vender droga.	.40	.65	.12	.76
Estar incluído num grupo que se junta para gozar/insultar outras pessoas.	.34	.58	.09	.60
Danificar intencionalmente mobiliário, instrumentos ou espaços da escola.	.50	.56	.25	.54
Fugir de casa.	.22	.48	.30	.43
Passar a noite fora de casa sem autorização.	.44	.25	.73	.53
Ser suspenso da escola.	.46	.21	.72	.40
Bater num professor ou funcionário da escola.	.36	.23	.64	.51
Pegar fogo a um carro.	.31	.13	.64	.44
Ser expulso da escola.	.08	.44	.52	.47

O primeiro fator reúne um conjunto de itens relacionados com a violência física e prática de furtos, o segundo fator polariza predominantemente os comportamentos relacionados com a delinquência mais grave, que incluem crimes contra a propriedade, uso de armas de fogo em atos de agressão física ou roubo, e venda de drogas, e o terceiro fator congrega um conjunto de itens relacionados com a indisciplina na escola.

Como indicadores dos comportamentos antissociais dos respondentes, foram assim consideradas as pontuações fatoriais nos três fatores extraídos, nomeadamente *violência física/furtos, crimes contra a propriedade e outros crimes graves, e indisciplina*.

RESULTADOS

De acordo com os objetivos definidos no presente artigo, começa-se por apresentar um conjunto de resultados relativos às estatísticas descritivas, ilustrativos dos comportamentos de risco (consumo de drogas, comportamentos antissociais e comportamentos sexuais), nas três amostras estudadas e, seguidamente, serão apresentados os resultados relativos às análises de correlação e testes de qui-quadrado, tendo em vista o estudo dos padrões de associação entre estes comportamentos.

Comportamentos de risco

Consumo de tabaco. Os dados obtidos neste estudo revelam que os jovens iniciam-se no consumo desta substância, em média, por volta dos 13 anos de idade, sendo que as prevalências de consumo de tabaco, quer ao longo da vida (PLV) e sobretudo nos últimos 30 dias (P30D), são consideravelmente mais elevadas nos jovens inseridos nos cursos de educação formação, tal como é possível verificar-se no Quadro 2. Note-se que as raparigas da Amostra I, representativa dos alunos do ensino regular e profissional, apresentam prevalências de consumo desta substância mais elevadas, tanto ao longo da vida como nos últimos 30 dias.

Quadro 2

Prevalência do Consumo de Tabaco, ao Longo da Vida (PLV) e nos Últimos 30 Dias (P30D), em Função do Sexo, nas Três Amostras em Estudo (Percentagens)

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Amostra I (Escolas)			
N	305	419	724
PLV	41.3	51.1	47.0
P30D	21.6	26.0	24.2
Amostra II (CEFs)			
N	126	88	214
PLV	61.9	65.9	63.6
P30D	43.7	37.5	41.1
Amostra III (Bairros)			
N	35	69	104
PLV	45.7	43.5	44.2
P30D	22.9	14.5	17.3

Consumo de álcool. No que concerne ao consumo de álcool, de acordo com o que se observa no Quadro 3, é possível referir-se que mais de 70% dos jovens das três amostras já consumiu álcool pelo menos uma vez na vida, sendo a idade média do primeiro consumo próxima dos 13 anos de idade. A maioria dos jovens das três amostras também consumiu álcool nos últimos 30 dias. De salientar que a prevalência dos consumos nos últimos 30 dias (P30D) é superior nos rapazes comparativamente às raparigas nas três amostras, ainda que esta diferença só seja estatisticamente significativa para os alunos do ensino regular (61% dos rapazes contra 53% das raparigas para os alunos inseridos no ensino regular [$\chi^2(1) = 4.59, p < .05$]).

Quadro 3

Prevalência do Consumo de Álcool, ao Longo da Vida (PLV), nos Últimos 12 Meses (P12M) e nos Últimos 30 Dias (P30D), em Função do Sexo, nas Três Amostras em Estudo (Percentagens)

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Amostra I (Escolas)			
N	305	419	724
PLV	84.6	85.9	85.4
P12M	77.0	74.5	75.6
P30D	61.0	53.0	56.4
Amostra II (CEFs)			
N	126	88	214
PLV	84.9	72.7	79.9
P12M	77.0	64.8	72.0
P30D	66.7	58.0	63.1
Amostra III (Bairros)			
N	35	69	104
PLV	82.9	66.7	72.1
P12M	74.3	53.6	60.6
P30D	54.3	37.7	43.3

No que respeita ao tipo de bebidas mais consumidas nos últimos 30 dias, os dados mostram que a cerveja e as bebidas brancas são as mais consumidas pelos rapazes, enquanto as raparigas preferem claramente as bebidas brancas (a prevalência de consumo de bebidas brancas nas raparigas é, para a média das três amostras, de 39% contra os 26% da prevalência do consumo de cerveja).

Por último, e no que se refere ao consumo excessivo de álcool, os dados inscritos no Quadro 4, relativos à prevalência de embriaguez ao longo da vida (PLV), nos últimos 12 meses (P12M) e nos últimos 30 dias (P30D), mostram que a maioria dos jovens já se embriagou pelo menos uma vez na vida e que uma percentagem considerável de jovens se embriagou nos últimos 30 dias, com particular destaque para os alunos dos cursos de educação formação. De salientar, igualmente, as prevalências mais elevadas de embriaguez no sexo masculino, em todas as amostras em estudo.

Quadro 4

Prevalência de Embriaguez ao Longo da Vida (PLV), nos Últimos 12 Meses (P12M) e nos Últimos 30 Dias (P30D), em Função do Sexo (Percentagens)

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Amostra I (Escolas)			
N	305	419	724
Toda a vida	40.0	37.9	38.8
Últimos 12 meses	29.5	26.3	27.6
Últimos 30 dias	12.8	8.8	10.5
Amostra II (CEFs)			
N	126	88	214
Toda a vida	58.7	47.7	54.2
Últimos 12 meses	39.7	28.4	35.0
Últimos 30 dias	23.8	11.4	18.7
Amostra III (Bairros)			
N	35	69	104
Toda a vida	57.1	29.0	38.5
Últimos 12 meses	31.4	8.7	16.3
Últimos 30 dias	5.7	1.4	2.9

Consumo de haxixe. No que concerne ao consumo de haxixe, os dados revelam que os jovens iniciam o consumo desta substância, em média, por volta dos 15 anos de idade. As prevalências de consumo são bastante díspares nas três amostras estudadas, tal como se observa no Quadro 5, sendo consideravelmente superiores na amostra dos alunos inseridos nos cursos de educação formação e residuais na amostra dos jovens dos bairros sociais. Também se verificam diferenças de género no consumo desta substância, sendo que os rapazes apresentam prevalências significativamente superiores, particularmente no que se refere aos últimos 12 meses (P12M) e últimos 30 dias (P30D) – 5.6% dos rapazes contra 2.4% das raparigas na Amostra I [χ^2 (1) = 5.0, $p < .05$] e 15.1% dos rapazes contra 2.3% das raparigas na Amostra II [χ^2 (2) = 9.6, $p < .01$]).

Quadro 5

Prevalência do Consumo de Haxixe, ao Longo da Vida (PLV), nos Últimos 12 Meses (P12M) e nos Últimos 30 Dias (P30D), em Função do Sexo, nas Três Amostras em Estudo (Percentagens)

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Amostra I (Escolas)			
N	305	419	724
PLV	13.4	8.1	10.4
P12M	10.2	4.5	6.9
P30D	5.6	2.4	3.7
Amostra II (CEFs)			
N	126	88	214
PLV	27.0	18.2	23.4
P12M	18.3	9.1	14.5
P30D	15.1	2.3	9.8
Amostra III (Bairros)			
N	35	69	104
PLV	8.6	2.9	4.8
P12M	2.9	0.0	1.0
P30D	2.9	0.0	1.0

Comportamentos sexuais

Os dados relativos ao comportamento sexual dos jovens revelam algumas diferenças em função das três amostras, tendo-se verificado uma maior precocidade do início da vida sexual entre os jovens inseridos nos cursos de educação formação e entre os jovens dos bairros sociais, comparativamente aos jovens do ensino regular. Também se verificaram diferenças significativas no que respeita à percentagem de jovens que afirmaram já terem iniciado a sua vida sexual. Assim, e no que respeita aos alunos do ensino regular, 39.0% dos rapazes e 37.7% das raparigas afirmaram já ter tido relações sexuais. A idade média da primeira relação é significativamente mais baixa para os rapazes – 14.74 anos (DP = 1.86) – do que para as raparigas – 15.31 anos (DP = 1.58) [$t(229) = -2.70, p < .01$] e o número médio de parceiros(as) sexuais dos rapazes ($M = 2.71$; DP = 2.41) é significativamente superior ao das raparigas ($M = 1.54$; DP = 1.19) [$t(266) = 5.22, p < .000$].

No que se refere à Amostra II, 70.6% dos rapazes e 60.2 % das raparigas afirmaram já ter tido relações sexuais. A idade média da primeira relação é significativamente mais baixa para os rapazes, 13.88 anos (DP = 1.52), do que para as raparigas, 14.70 anos (DP = 1.07) [$t(140) = -3.46, p < .001$]. O número médio de parceiros sexuais é significativamente superior para os rapazes, 3.96 parceiros (DP = 4.72), sendo para as raparigas de 1.96 parceiros (DP = 1.11) [$t(136) = 3.30, p < .001$].

No que diz respeito à Amostra III, 82.9% dos rapazes e 43.5% das raparigas afirmaram já ter tido relações sexuais, sendo esta diferença estatisticamente

significativa [$\chi^2(1) = 14.67, p < .000$]. A idade média da primeira relação é, para os rapazes, de 14.48 anos (DP = 2.01), sendo superior para as raparigas, de 15.45 anos (DP = 1.79), embora esta diferença não seja significativa. O número médio de parceiros sexuais é, à semelhança dos alunos do ensino regular e dos cursos de educação formação, superior nos rapazes, 4.17 parceiros (DP = 3.16), comparativamente às raparigas, 2.46 parceiros (DP = 1.83) [$t(49) = 2.41, p < .05$].

Também no que respeita à gravidez na adolescência são verificadas diferenças significativas entre as três amostras, com percentagens de gravidez na adolescência bastantes superiores entre as alunas dos cursos de educação formação e entre as jovens dos bairros sociais.

Assim, enquanto na Amostra I apenas 2.2% das raparigas refere ter engravidado, na Amostra II estes valores sobem para 11.3% e na Amostra III atingem valores de 20.0%. As raparigas que referem ter engravidado na Amostra I tinham, em média, 16.0 anos (DP = 1.41), na Amostra II 15.67 anos (DP = 1.03) e na Amostra III 17.33 anos (DP = 1.37).

As relações sexuais não protegidas constituem uma prática expressivamente comum entre os jovens das três amostras: 23.5% dos rapazes e 43.0% das raparigas do ensino regular afirmaram não utilizar sempre o preservativo, 36.8% dos rapazes e 37.7% das raparigas entre os alunos dos cursos de educação formação e 37.9% dos rapazes e 30.0% das raparigas entre os jovens dos bairros sociais. O recurso à pílula do dia seguinte como método contraceptivo também assume uma expressão nas três amostras. De facto, 21.0% das alunas do ensino regular, 23.2% das alunas dos cursos de educação formação e 22.1% das jovens dos bairros sociais afirmaram ter utilizado uma ou mais vezes este método.

Comportamentos antissociais

Tal como referido anteriormente, no estudo dos comportamentos antissociais foram avaliadas as prevalências e frequências de um conjunto diversificado de comportamentos, desde os comportamentos de indisciplina, passando pela violência física e verbal, prática de crimes contra a propriedade e outros. Dado o número elevado de comportamentos estudados, optou-se por ilustrar aqui alguns dos dados mais relevantes no que concerne às principais dimensões dos comportamentos antissociais.

Como é possível observar no Quadro 6, a percentagem de jovens que já tiveram comportamentos de indisciplina (faltas disciplinares, suspensões, danificação do material da escola) é bastante relevante nas três amostras.

Quadro 6

Prevalência, ao Longo da Vida (PLV) de Comportamentos Antissociais nas Três Amostras em Estudo (Percentagens)

Comportamento	Amostra I	Amostra II	Amostra III
<i>N</i>	724	214	104
Ter falta disciplinar.	48.5	68.7	52.9
Ser suspenso da escola	3.3	17.8	9.6
Danificar intencionalmente mobiliário, instrumentos ou espaços da escola.	25.4	31.5	22.1
Andar à porrada na escola.	41.0	62.4	59.2
Estar incluído num grupo que se junta para gozar/insultar outras pessoas.	20.2	36.2	24.3
Estar incluído num grupo que se junta para bater noutras pessoas.	6.1	27.7	13.5
Andar à porrada na rua.	23.5	48.6	33.7
Envolveres-te em lutas de <i>gang</i> .	5.8	28.0	16.5
Ferir alguém ao ponto dessa pessoa necessitar de cuidados médicos.	8.6	27.7	13.5
Usar facas ou navalhas para ameaçar ou magoar alguém.	1.8	13.1	6.7
Usar armas de fogo para ameaçar ou magoar alguém.	1.1	7.9	3.8
Forçar a entrada numa casa, estabelecimento ou outra propriedade.	3.3	9.3	5.8
Roubar artigos em lojas ou supermercados.	24.3	39.4	28.4
Roubar dinheiro ou objetos de outra pessoa (ex. telemóvel, relógio, carteira, roupa, etc.).	7.9	23.8	23.1
Vender artigos roubados.	3.7	9.7	6.7
Vender droga.	2.2	4.2	0.0
Ter problemas com a Polícia por alguma coisa que tenhas feito.	7.5	25.2	13.

De facto, cerca de 48% dos alunos do ensino regular, 69% dos alunos dos cursos de educação formação e 53% dos jovens dos bairros sociais já tiverem pelo menos uma falta disciplinar. Também a violência entre pares assume uma expressão significativa nas três amostras, com cerca de 20% dos jovens do ensino regular, e mais de 25% dos alunos dos cursos de educação formação e jovens dos bairros sociais a reportarem já se terem envolvido em confrontos físicos/lutas ou participarem, em grupo, em comportamentos de agressão verbal (gozar, insultar) contra alguém. À medida que a gravidade dos comportamentos aumenta, crescem as diferenças nas prevalências destes comportamentos entre os jovens do ensino regular e os jovens inseridos nos cursos de educação formação ou residentes nos bairros sociais, sendo igualmente evidente a influência do género na expressão destes comportamentos. Como se pode observar, as prevalências são mais elevadas para o género masculino em todos os itens estudados e à medida que os comportamentos assumem maior gravidade, também se acentuam estas diferenças.

Padrões de associação entre os comportamentos de risco

No Quadro 7 são apresentadas as correlações entre os diferentes indicadores relativos ao uso de drogas, comportamentos antissociais e comportamentos sexuais de risco, tendo-se igualmente incluído um indicador global de comportamentos de risco, resultante da soma das pontuações estandardizadas dos sete indicadores parcelares.

Quadro 7
Correlações entre os Comportamentos de Risco

	Consumo de tabaco	Consumo de álcool	Consumo de haxixe	Violência/furtos	Crimes contra a propriedade e outros crimes	Indisciplina	Comportamentos sexuais de risco
Consumo de tabaco	—						
Consumo de álcool	.39	—					
Consumo de haxixe	.53	.31	—				
Violência/furtos	.27	.24	.26	—			
Crimes propriedade e outros crimes	.13	.07	.17	.42	—		
Indisciplina	.27	.20	.25	.37	.23	—	
Comportamentos sexuais de risco	.28	.20	.16	.39	.16	.26	—
Risco global (soma dos sete indicadores anteriores)	.67	.57	.63	.69	.51	.60	.58
Risco global (indicador corrigido^a)	.51	.38	.45	.53	.31	.42	.38

Nota. As correlações com valor absoluto de $|r| \geq .11$ são estatisticamente diferentes da correlação nula ao nível $\alpha = .01$ e as correlações com valor absoluto de $|r| \geq .09$ são estatisticamente diferentes da correlação nula ao nível $\alpha = .05$.

^a Correlações de cada comportamento de risco com o somatório dos seis comportamentos restantes.

Verificam-se correlações significativas entre todos os comportamentos, à exceção da relação entre o consumo de álcool e os comportamentos crime praticados contra pessoas e propriedade. Estas correlações apresentam maior magnitude entre os indicadores de consumo de drogas (valores de r compreendidos entre .31 e .53; média das intercorrelações de .41), do que entre estes indicadores e os comportamentos antissociais (valores de r compreendidos entre .07 e .27; média das intercorrelações de .21) ou comportamentos sexuais de risco (valores de r compreendidos entre .16 e .28; média das intercorrelações de .21). O padrão de correlações entre os comportamentos antissociais, ainda que de magnitude inferior ao verificado entre os

comportamentos de consumo de drogas, é igualmente consistente, variando os valores de r entre .23 e .42 (média das intercorrelações de .34). Por último, as correlações entre os três comportamentos antissociais e os comportamentos sexuais de risco situam-se entre .16 e .39, com um valor médio de .27, superior ao verificado entre estes comportamentos e os comportamentos de consumo de drogas.

A média das intercorrelações entre os sete indicadores é de .26, o que corresponde a um coeficiente de consistência interna de $\alpha = .72$. De sublinhar ainda os valores elevados das correlações corrigidas entre os sete indicadores e o indicador de risco global (cf. última coluna do Quadro 7).

Se se optar por dicotomizar as variáveis e relacionar cada um dos comportamentos de consumo (consumiu ou não consumiu tabaco, álcool ou haxixe ao longo da vida) com cada um dos comportamentos antissociais (cometeu ou não, pelo menos uma vez ao longo da vida, atos de violência/furtos, crimes contra a propriedade e outros crimes ou indisciplina), verifica-se um padrão consistente de interdependências, no qual a ocorrência de comportamentos antissociais é sistematicamente superior entre os consumidores (os valores de χ^2 são estatisticamente significativos nos nove quadros de contingência incluídos no Quadro 8).

Quadro 8

Relações entre Comportamentos de Consumo e Comportamentos Antissociais: Quadros de Contingência, Percentagens-Linha e Testes do Qui-Quadrado (χ^2)

Comportamentos de consumo	Violência/furtos		Crimes contra propriedade e outros crimes		Indisciplina	
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Tabaco						
Não	230 (44.2)	290 (55.8)	463 (89.0)	57 (11.0)	256 (49.2)	264 (50.8)
Sim	132 (25.3)	390 (74.7)	406 (77.8)	116 (22.2)	136 (26.1)	386 (73.9)
Testes	$\chi^2 = 41.23, p < .001$		$\chi^2 = 23.86, p < .001$		$\chi^2 = 59.63, p < .001$	
Álcool						
Não	94 (52.8)	84 (47.2)	162 (91.0)	16 (9.0)	98 (55.1)	80 (44.9)
Sim	268 (31.0)	596 (69.0)	707 (81.8)	157 (18.2)	294 (34.0)	570 (66.0)
Testes	$\chi^2 = 30.91, p < .001$		$\chi^2 = 8.99, p < .05$		$\chi^2 = 27.81, p < .001$	
Haxixe						
Não	351 (38.5)	561 (61.5)	792 (86.8)	120 (13.2)	373 (40.9)	539 (59.1)
Sim	11 (8.5)	119 (91.5)	77 (59.2)	53 (40.8)	19 (14.6)	111 (85.4)
Testes	$\chi^2 = 45.24, p < .001$		$\chi^2 = 62.65, p < .001$		$\chi^2 = 33.50, p < .001$	

De facto, e a título de exemplo, pode referir-se que enquanto 74.7% dos alunos que consumiram tabaco já cometerem pelo menos um ato violento ou de furto, 55.8% dos que não consumiram cometeram um ato semelhante [$\chi^2 (1) = 41.23, p < .001$].

DISCUSSÃO

A partir de uma análise global dos diferentes indicadores relativos aos comportamentos de risco dos jovens do concelho de Vila Franca de Xira indicados neste estudo e começando pelo consumo de drogas, pode referir-se que, na amostra dos alunos inseridos no ensino regular, os valores obtidos para as prevalências de consumo das diferentes substâncias se aproximam dos resultados encontrados no inquérito europeu (ESPAD, 2007) e nacional (ECATD, 2011), realizados junto da população escolar. Saliente-se, no entanto, o consumo mais baixo de *cannabis*, comparado com a média nacional, tanto para a prevalência ao longo da vida como nos últimos 30 dias (13% contra 18% para a PLV no sexo masculino e 4% contra 9% no sexo feminino) e o consumo mais elevado de tabaco, com particular relevância para as raparigas, que apresentam prevalências de consumo desta substância mais elevadas do que os rapazes. Este último resultado poderá indicar uma tendência para o aumento do consumo de tabaco na população jovem, com particular expressão no sexo feminino (tendência manifesta na evolução de resultados verificada no inquérito europeu em meio escolar de 2007 para 2011 – 18% raparigas e 20% dos rapazes afirmaram ter consumido tabaco nos últimos 30 dias em 2007, contra 28% dos rapazes e raparigas em 2011).

De realçar, também, a relativa banalização do consumo de álcool em ambos os sexos, bem como a aproximação dos padrões de consumo, merecendo particular destaque os consumos excessivos, que assumem repercussões consideráveis tanto nos rapazes como nas raparigas. Igualmente de referir, a maior prevalência de consumo de bebidas brancas nas raparigas, padrão de comportamento que remete para a possibilidade da procura rápida de alteração dos estados de consciência através da embriaguez.

É possível ainda concluir, no que concerne a uma apreciação global do consumo das diferentes substâncias, que à medida que o grau de perigosidade ou ilicitude da mesma aumenta, se acentuam as diferenças nos níveis de consumo entre os jovens do ensino regular e os jovens dos cursos de educação formação, com um percurso de insucesso escolar repetido e que são, igualmente, provenientes de famílias socialmente mais desfavorecidas. De sublinhar, no entanto, o facto de os jovens de origem africana apresentarem menores prevalências de consumo das diferentes substâncias, resultado que remete para as conclusões de outros estudos, nomeadamente o inquérito em meio escolar *Monitoring the Future* (Johnston, O' Malley, Bachman, & Schulenberg, 2009) promovido pelo NIDA (National Institute of Drug Abuse). No entanto, apesar desta relação aparentemente “protetora” entre a pertença a grupos étnicos minoritários e o consumo de drogas, quando se relaciona este fenómeno com outros fatores associados à exclusão social, nomeadamente o

estatuto socioeconómico e a situação face à escola, verifica-se que o consumo de drogas assume maiores repercussões entre os jovens que abandonam a escola, e que provêm de meios socioeconómicos desfavorecidos, sendo estes grupos, assim, particularmente vulneráveis ao envolvimento nestes comportamentos (Jeffrey et al., 2001, citado em Jenkins, 2006).

No que respeita à experiência sexual, a maioria dos jovens inquiridos tiveram a sua primeira relação sexual por volta dos 14/15 anos, sendo que a percentagem de jovens que já iniciou a sua vida sexual é significativamente mais elevada entre os jovens inseridos nos cursos de educação formação e jovens provenientes dos bairros sociais. Por outro lado, os comportamentos sexuais de risco continuam a assumir uma expressão muito significativa entre a população adolescente, pois ainda que uma percentagem elevada de jovens afirme utilizar sempre o preservativo, cerca de 35% dos jovens não fazem uma utilização sistemática deste método. No que concerne ao risco de gravidez, avaliado pela não utilização sistemática da pílula ou do preservativo, este risco, de acordo com a informação obtida no inquérito, ainda que menor, é também elevado. De facto, cerca de 17.0% dos alunos do ensino básico regular e ensino secundário, e quase um quarto dos jovens inseridos nos cursos de educação formação e jovens dos bairros sociais encontram-se em risco de engravidar. Também nestes grupos, a prevalência de gravidez na adolescência é bastante superior, quando comparada com a prevalência de gravidez nos jovens do ensino básico regular e ensino secundário. Estes resultados confirmam as tendências verificadas noutros estudos internacionais (Jenkins, 2006) no que respeita a uma maior vulnerabilidade relativamente à gravidez na adolescência, entre as populações de minorias étnicas ou entre os jovens com insucesso escolar repetido provenientes de famílias socialmente desfavorecidas.

Relativamente aos comportamentos antissociais, salienta-se, em primeiro lugar, o facto de cerca de um quarto dos alunos do ensino regular básico e ensino secundário afirmarem ter, pelo menos uma vez na vida, cometido atos de indisciplina (faltas disciplinares, insultos a professores, danificação intencional de equipamento e material da escola), atos de violência física ou psicológica (*envolver-se em confrontos físicos/lutas na escola ou na rua, juntar-se em grupo para insultar e gozar com outras pessoas*) ou furtos (*roubar artigos em lojas ou supermercados*). Estes dados poderão apontar para alguma vulgarização deste tipo de comportamentos, normalmente manifestados no contexto escolar, fazendo eco de algumas das preocupações que têm vindo a ser manifestadas pelas entidades competentes, em matéria de educação, relativamente ao crescimento destes fenómenos.

De sublinhar, mais uma vez, que quando comparadas as três amostras, os alunos inseridos nos cursos de educação formação são aqueles que apresentam prevalências mais elevadas nos diferentes comportamentos antissociais considerados, seguidos

dos jovens residentes nos bairros sociais, que, como já foi referido, são de origem africana. Estas diferenças vão-se acentuando em função da gravidade deste tipo de comportamentos. O mesmo padrão de relações verifica-se para as diferenças entre o sexo feminino e masculino, apontando mais uma vez para a vulnerabilidade do sexo masculino no que respeita ao desenvolvimento de comportamentos antissociais, particularmente entre os jovens com insucesso escolar repetido e risco de exclusão social.

Uma outra conclusão a reter dos resultados do estudo aqui apresentado prende-se com a verificação de uma associação entre os diferentes comportamentos de risco analisados, com uma média das correlações próxima de .30 ($\alpha = .01$). De sublinhar igualmente os elevados valores das correlações entre cada um dos sete indicadores de risco (consumo de álcool, consumo de tabaco, consumo de haxixe, indisciplina, violência, crimes contra a propriedade outros crimes graves, comportamentos sexuais de risco) e o indicador global de risco. Em síntese, os resultados deste estudo apontam para um padrão homogêneo de comportamentos de risco sendo consonantes com os resultados das investigações que constataram a existência de uma associação entre diferentes comportamentos de risco e hipotetisaram a existência de uma etiologia comum ou de um fator comum não especificado (Brook et al., 1998; Brook et al., 1997; Farrel et al., 1992; Jessor et al., 1995; McGee & Newcomb, 1992; Negreiros, 2008).

Como foi sublinhado por Jessor, há mais de uma década, os comportamentos de risco devem ser antes de tudo concetualizados como “fatores de risco relativamente aos resultados indesejáveis no que respeita ao desenvolvimento pessoal e social dos adolescentes” (Jessor, 1998, p. 2). A compreensão dos processos que ligam os comportamentos de risco a estes resultados constitui, portanto, um dos desafios da investigação no domínio dos comportamentos de risco, existindo, contudo, uma variabilidade considerável nestas relações. A explicação desta variabilidade constitui-se como uma parte crítica da investigação neste domínio. A outra parte do desafio consiste na explicação das razões que levam os adolescentes a envolverem-se em comportamentos de risco. Esta questão remete para a necessidade de articular um conjunto de antecedentes ou fatores de risco, tanto proximais como distais, que não podem ser reduzidos quer às explicações reducionistas centradas nos fatores individuais (e.g., fatores disposicionais) ou nos fatores contextuais (e.g., fatores familiares, relações entre pares, situação económica).

A ideia de que os comportamentos de risco se encontram associados, assumindo alguma plasticidade nas suas formas de expressão, e a constatação de uma etiologia comum remete necessariamente para uma discussão em torno da vertente “sintoma” destes comportamentos, que são reflexo de um complexo sistema de relações estabelecidas entre o adolescente e os diferentes contextos em que este se

inscreve, desde a família, à escola e ao bairro, passando pela sua relação com o grupo de pares. Esta conclusão reforça a pertinência de uma abordagem integrada e contextualizada da problemática dos comportamentos de risco na adolescência e sua prevenção, a qual não pode necessariamente estar dissociada de uma política global para a promoção da saúde física e mental dos adolescentes. Pensar nesta abordagem integrada não implica deixar de olhar para as especificidades que resultam dos efeitos destes comportamentos na saúde e desenvolvimento dos adolescentes. Sobretudo, é importante continuar a procurar compreender o significado simbólico destes comportamentos na encruzilhada das transformações que marcam este período de vida, na sua necessária articulação com as mudanças sociais, culturais e económicas, que tem caracterizado esta era pós moderna.

REFERÊNCIAS

- Brook, J. S., Whiteman, M., Balka, E. B., & Cohen, P. (1997). Drug use and delinquency: Shared and unshared risk factors in African American and Puerto Rican adolescents. *The Journal of Genetic Psychology*, 158(1), 25-39.
- Brook, J. S., Whiteman, M., Balka, E. B., Win, P. T., & Gursen, M. D. (1998). Similar and different precursors to drug use and delinquency among African Americans and Puerto Ricans. *The Journal of Genetic Psychology*, 159(1), 13-29.
- Chitas, V. C. (2010). *Consumo de drogas e outros comportamentos de risco na adolescência: Factores de risco e factores de protecção* (Tese de doutoramento). Universidade do Porto, Porto.
- Costa, F., Jessor, R., & Donovan, J. E. (1989). **Value on health and adolescent conventionality: A construct validation of a new measure in Problem-Behavior Theory.** *Journal of Applied Social Psychology*, 19(10), 841-861.
- Diamond, L. M., & Savin-Williams, R. C. (2009). Adolescent Sexuality. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology, Individual bases of adolescent development* (Vol. 1, pp. 479-524). New Jersey: John Wiley & Sons.
- ECATD (2011). Estudo sobre o consumo de álcool, tabaco e drogas. Grupos etários dos 13,18 anos. Portugal Continental/2011.IDT/NEI. Consultado em 7 de março de 2012 em <http://www.dependencias.pt>
- ESPAD (2007). *2007 ESPAD report: Substance abuse among students in 35 European countries*. Consultado em 19 janeiro de 2010, em <http://www.espad>
- ESPAD (2011). *2011 ESPAD report: Substance abuse among students in 35 European countries*. Consultado em 7 de março de 2012, em <http://www.espad>
- Farrell, A. D., Danish, S. J., & Howard, C. W. (1992) Relationships between drug use and other problem behaviors in urban adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60(5),705-712.
- HBSC (2006). Inequalities in young people's health. HBSC international report from the 2005/2006 survey. Consultado em 16 de março de 2007, em <http://www.euro.who.int/pubrequest>
- Jenkins, C. (2006). Ethnicity, Culture, Drugs and Sex. In P. Aggleton, A. Ball, & P. Mane (Eds.), *Sex, drugs and young people* (pp. 48-62). NY: Routledge.

- Jessor, R. (1998). *New perspectives on adolescent risk behaviour*. UK: Cambridge University Press.
- Jessor, R., & Jessor, S. L. (1977). *Problem behavior and psychosocial development: a longitudinal study of youth*. San Diego, CA: Academic Press.
- Jessor, R., Van Den Bos, J., Vanderryn, J., Costa, F. M., & Turbin, M. S. (1995). Protective factors in adolescent problem behavior: moderator effects and developmental change. *Developmental Psychology*, 31(6), 923-933.
- Johnston, L. D., O'Malley, P. M., Bachman, J. G., & Schulenberg, J. E. (2009). *Monitoring the future - national results on adolescent drug use: Overview of key findings*, 2008 (NIH Publication No. 09-7401). Bethesda, MD: National Institute on Drug Abuse.
- McGee, L., & Newcomb, M. D. (1992). General deviance syndrome: Expanded hierarchical evaluations at four ages from early adolescence to adulthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60, 766-776.
- Merton, R. K. (1957). *Social Theory and Social Structure*. (rev. ed.). New York: Free Press.
- Negreiros, J. (2008). *Delinquências juvenis. Trajetórias, intervenções e prevenção*. Porto: Livpsic - Legis Editora.
- NIDA - National Institute on Drug Abuse (2008). Teen drug abuse declines across wide front: Results from the monitoring the future survey, 2008. Consultado em 15 setembro 2009, em <http://www.drugabuse.gov/>
- Sameroff, A. J. (1999). Ecological perspectives on developmental risk. In J. D. Osofsky & H. E. Fitzgerald (Eds.), *WAIMH Handbook of infant mental health: Infant mental health groups at risk* (Vol. 4, pp. 223-248). New York: Wiley.
- Shadish, W. R., Cook, T. D., & Campbell, D. T. (2002). *Experimental and quasi-experimental designs for generalized causal inference*. Boston: Houghton Mifflin.